



REPRESENTAÇÃO DE INFÂNCIAS NAS OBRAS DE VIK MUNIZ: CRIANÇAS DE AÇÚCAR E O DEPOIS

Jéssica Rodrigues Alves
Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Brasil
Endereço eletrônico: jessicaalvesgbi@hotmail.com

Luciete de Cássia Souza Lima Bastos
Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Brasil
Endereço eletrônico: lbastos@uneb.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta o resultado da análise interpretativa das obras **Crianças de açúcar** e **O depois**, do artista plástico e fotógrafo Vik Muniz. Neste percurso analítico, buscamos identificar as infâncias por ele representadas, assim como, compreender os sentidos da obra, seu engajamento político social e como a arte fotográfica contribuiu para que o artista alcançasse seu objetivo. Para tanto, coube-nos fazer um breve levantamento histórico sobre a(s) infância(s), assim como recorrer à contribuição da semiótica para entender como se dá essa construção através dos signos. Pensamos que as análises destas obras podem contribuir para um olhar social mais crítico para as diferentes infâncias, em especial as periféricas de Cuba e do Brasil.

Este estudo surgiu de inquietações resultantes da observação das obras de Vik Muniz, que se utiliza de materiais nada convencionais na composição de sua arte como: chocolate, açúcar, geleia, lixo. Consoante Loponte, a arte contemporânea não tem um modelo padrão para se apresentar, logo é feita de invasão de ocorrências, pois “as obras podem ser interativas, podem ser tocadas, sentidas ou modificadas pelos espectadores, ou nada disso” (LOPONTE, 2008, p. 116), assim como a obra de Muniz, cuja escolha de material foge aos paradigmas da arte e surpreende espectadores e críticos. Talvez seja por esta razão que sentimos dificuldades para nos aproximar da forma de produção de imagens escolhida por Muniz, reféns que somos da estabilidade e linearidade com que compreendemos e analisamos o mundo.

Historicamente, há uma relação de proximidade entre infância e arte. Enquanto alguns artistas modernos buscaram representar uma infância idealizada, na arte contemporânea é concebível encontramos diversas metáforas para pensar outras infâncias. Ainda na perspectiva da mesma autora: “nem sempre a infância é doce e alegre,



ela também é desvio, perversão, manipulação” (LOPONTE, 2008, p. 117), por esse viés, muitos artistas nos apresentam, hoje, essa infância que choca, amedronta e desafia. Buscamos, assim, compreender como a obra de Vik Muniz pode ser interpretada de forma a se tornar uma estratégia de reflexão sobre os problemas sociais, em particular aqueles vividos por crianças da periferia em diferentes situações de vulnerabilidade. Os principais teóricos que nos sustentam nesse percurso são Cohn (2013); Fonseca & Sousa (2008); Loponte (2008); Muniz (2007) e Santaella (2007).

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa. Propusemos analisar duas séries: *Sugar children (Crianças de açúcar)* e *Aftermath (O depois)*, obras que possibilitaram compreender as infâncias por ele representadas, o contexto em que viviam as crianças e estabelecer parâmetros entre aqueles contextos e nossa realidade. Partimos da leitura de textos teóricos sobre semiótica, sobre culturas da infância e sobre arte e fotografia. Prosseguimos com a análise dos contextos das crianças retratadas, da escolha dos materiais utilizados, da relação estabelecida entre o artista e os modelos, relatada em entrevistas e na biografia do artista. Para além do belo, expresso pela obra em si mesma, tratou-se de problematizar algumas questões e aprofundar os sentidos dados pelo autor ao interpretar o contexto das crianças e optar por um tipo de material que desse maior significado à sua representação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao observar suas obras, pudemos constatar que, sob a camada da matéria escolhida, resiste uma ideia de infâncias múltiplas; ao mesmo tempo, promove um diálogo aberto com o observador de sua obra, ao serem conduzidos à problematização sobre essas crianças e seus contextos. Diante do exposto, algumas questões importantes se impuseram: Quem são essas crianças? Por que foram escolhidas como modelo? Que relação existe entre a história de vida das crianças e o material utilizado para representá-las? Que importância teve para elas essas obras?

Durante muito tempo, a infância foi rotulada como uma fase da vida engessada num modelo idealizado, como se fosse possível criar um estereótipo que abarcasse todas elas. Oriundas de diferentes espaços, etnias e posses econômicas, apresentam



especificidades que precisam ser consideradas e, por isso mesmo, quando falamos em infância, necessariamente, teremos que referendá-la no plural. Conforme argumenta Cohn (2013), [...] as ações voltadas às crianças e o lugar que lhes é destinado são definidos por concepções de infância [assim como] o modo de como as crianças atuam e o que elas pensam do mundo acontece a partir (mesmo que contra) desta posição que lhes é oferecida e que elas conhecem. (COHN, 2013, p. 241). Essa capacidade de agência permite conceber as crianças como criadoras de seu próprio sistema simbólico e visão de mundo, e não mais como um depositário de papéis. A criança é autora e atriz de sua história e age conforme as culturas das infâncias nas quais protagoniza.

A série *Sugar children (Crianças de açúcar)* foi realizada com crianças caribenhas. Podemos afirmar que há uma relação estreita entre esta série e o poema de Ferreira Gullar: **O açúcar**, pois ambos falam da mesma questão, usando diferentes linguagens e perspectivas. O poema enuncia o processo de produção do açúcar desde o corte da cana até a chegada do açúcar à mesa do consumidor. A Muniz interessou retratar a experiência das crianças e, nesse sentido, distancia-se de Gullar. No processo de criação, Muniz fotografava as crianças, depois as esculpia em açúcar sobre papel preto; em seguida, fotografava novamente. Na sequência, o açúcar era despejado em um pote de vidro, que era rotulado com a fotografia original da criança. Muniz escreveu que “a radiosa infância daquelas crianças vai certamente ser transformada, pelo açúcar, em açúcar; os resíduos da gloriosa infância estarão presentes no açúcar que nós vamos consumir” (MUNIZ, 2007, p. 60). Nesta série, o comprometimento social do artista é evidente, foi um *insight* utilizar o açúcar para compor a obra. A possibilidade dos diferentes sentidos atribuídos ao açúcar força o observador a pensar no antagonismo que a vida dessas crianças, filhas de cortadores de cana, promove. De um lado a docilidade própria da infância manifesta-se nas brincadeiras, nas fantasias e na criatividade, uma subjetividade que o açúcar materializa no quadro; de outro, o futuro amargo anunciado na atividade dos pais. A seguir, a retratação de uma das crianças da série.



Figura 1: Valentina, a mais veloz, 1996.



Fonte: <https://aabrabrooklin.wordpress.com/tag/vik-muniz/>

A série: *Aftermath (o depois)* resultou da experiência com crianças em situação de rua da capital de São Paulo. O artista encontrou-as revirando latas de lixo, pedindo esmolas para comprar crack e dormindo em marquises. Para a composição dos modelos, Muniz utilizou restos da diversão dos adultos nos festejos de carnaval. Ele trabalha o negativo, com o objetivo de representar “as crianças em luz brilhante vista através do resíduo da sujeira largada pelo comportamento desregrado” Revela ainda, que “queria inventar um ambiente mimético em que esses seres fossem percebidos e não percebidos simultaneamente” (MUNIZ, 2007, p. 67). A ironia do artista revela-se na escolha, pois “fantasia”, muito presente no carnaval, faz parte do universo infantil; mas, na vida de muitas crianças, a quimera foi roubada e/ou corrompida. Cada criança escolheu, num livro de arte, uma personagem para se fazer representar. A partir do relato das escolhas feitas, foi possível perceber a condição psicológica em que se encontravam essas crianças: “Em todas as escolhas, os temas predominantes eram *proteção e fuga (...)*” (MUNIZ, 2007, p.64, grifo meu). Muniz denuncia uma infância excluída socialmente, uma infância descartada e invilibilizada, assim como o lixo, ninguém as quer dentro de suas casas, evidenciando o engajamento social do artista também nesta série.

Figura 2: Emerson, 1998

Fonte: <https://aabrabrooklin.wordpress.com/tag/vik-muniz/>

A escolha dos materiais, em ambas as séries, elucidam a correlação entre a obra e a realidade dessas crianças. Na primeira, há uma contraposição entre as brincadeiras infantis e a tristeza e abatimento dos pais no corte de cana. A docilidade e a alegria das crianças vão sendo diluídos e transformados pela dura realidade dos adultos. Da mesma maneira, a segunda série traz evidências de que o uso do lixo urbano para representar as crianças de rua tem uma intenção social e também política: o de atrair a atenção das pessoas para essas crianças em situação de rua, amedrontadas e ameaçadas pelo perigo.

Em ambas as séries o fotógrafo procura dar significado e sentido para essas infâncias. É possível compreender a obra de Vik Muniz, também, como simbólica de uma das inúmeras infâncias brasileiras e caribenhas.

CONCLUSÃO

Analisar essas obras possibilitou-nos refletir sobre as diferentes infâncias, apontando indícios de quem são essas crianças e o porquê das escolhas dos materiais para representá-las. Da comparação entre essas duas séries, foi possível depreender que as infâncias são singulares a depender do espaço que ocupam, de sua origem étnica, de suas condições econômicas e de suas relações familiares. As crianças caribenhas mostram o encanto e docilidade, uma infância marcada pelas brincadeiras e pela alegria, apesar da vida precária que levavam, pois elas têm algo que as crianças de rua não têm: a proteção, o amor, o cuidado, o exemplo do adulto, um ambiente salubre e relações amorosas na família. As crianças em situação de rua mostram uma infância triste, pois sofrem perseguições e violência, falta-lhes tudo: alimentação, abrigo, amor e proteção. Pela



situação vulnerável a que ficam expostas, amadurecem precocemente, embrutecendo e perdendo a esperança. Muniz representa essas crianças por meio de materiais inusitados, açúcar e o lixo, porém o sentido é coerente com o contexto dessas infâncias. O artista não se preocupa apenas com as técnicas, mas com a intenção social da obra, que leva o observador a refletir para além do efeito estético. Vik Muniz faz de sua arte um veículo de aproximação entre as pessoas e as diferentes infâncias, realidades que muitas pessoas não enxergam, ou fingem não ver.

PALAVRAS-CHAVE: Infâncias; Representação; Vik Muniz.

REFERÊNCIAS

COHN, Clarice. Concepções de infância e infâncias: um estado da arte da antropologia da criança no Brasil. *Civitas*, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 221-44, maio/ago. 2013.

GULLAR, Ferreira. O açúcar. *Toda Poesia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980, p.28.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Arte e metáforas contemporâneas para pensar infância e educação. *Revista Brasileira de Educação* v. 13 n. 37 jan./abr. 2008.

MUNIZ, Vik. *Reflex: Vik Muniz de A a Z*. São Paulo: Cosac Naify, 2007. p. 58-67.

SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica?* 26ª da 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2007. p. 57-69.